



## RILKE SHAKE: O DIÁLOGO DA POETA ANGÉLICA FREITAS COM A TRADIÇÃO POÉTICA

### RILKE SHAKE: THE DIALOGUE BETWEEN POET ANGÉLICA FREITAS AND THE POETIC TRADITION

DOI: 10.5281/zenodo.13926892

*Eduardo Henrique<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Este trabalho analisa o diálogo estabelecido pela poeta Angélica Freitas em *Rilke Shake* com a tradição poética, especialmente em sua relação com o poeta Rainer Maria Rilke. A obra de Freitas, marcada por uma forte intertextualidade e uma abordagem irônica e subversiva, questiona as convenções poéticas clássicas ao mesmo tempo que presta uma espécie de homenagem às formas e temas da tradição literária. O estudo explora como Freitas utiliza essas influências para criar uma poética contemporânea que dialoga com o passado, mas que, ao mesmo tempo, desconstrói suas bases.

**Palavras-chave:** Angélica Freitas, Rainer Maria Rilke, intertextualidade, tradição poética, subversão.

#### ABSTRACT

This paper analyzes the dialogue established by poet Angélica Freitas in *Rilke Shake* with the poetic tradition, especially in relation to Rainer Maria Rilke. Freitas' work, marked by strong intertextuality and an ironic, subversive approach, questions classical poetic conventions while simultaneously paying homage to the forms and themes of literary tradition. The study explores how Freitas uses these influences to create a contemporary poetics that engages with the past but also deconstructs its foundations.

**Keywords:** Angélica Freitas, Rainer Maria Rilke, intertextuality, poetic tradition, subversion.

---

<sup>1</sup> UNESP.



## 1 INTRODUÇÃO

A poesia contemporânea de Angélica Freitas, especialmente em *Rilke Shake*, estabelece um diálogo direto com a tradição poética, abordando-a de maneira subversiva e irônica. A obra de Freitas, ao citar e ao mesmo tempo desconstruir poetas consagrados como Rainer Maria Rilke, abre espaço para uma nova forma de pensar a poesia e a tradição literária. Como aponta Azevedo (2015), Freitas utiliza a intertextualidade como ferramenta para questionar as convenções e normas da poesia, mantendo-se em constante diálogo com o cânone, mas sem ser presa a ele.

O uso de uma linguagem acessível, associada a uma abordagem crítica e humorada, transforma a obra de Freitas em um campo fértil para a reflexão sobre as formas poéticas. Essa dinâmica faz com que sua poesia seja tanto um exercício de homenagem quanto de crítica às estruturas formais herdadas dos poetas clássicos. Camargo (2016) observa que Freitas desarticula temas tradicionais da poesia de Rilke, como a angústia existencial e a busca por significado, oferecendo-os sob uma nova ótica, mais próxima do cotidiano e menos reverente.

Essa intertextualidade crítica também reflete a tendência da poesia contemporânea de questionar suas próprias raízes e significados. Silva (2018) argumenta que a obra de Freitas é representativa de um movimento mais amplo, onde a tradição não é vista como algo estático, mas sim como um espaço de debate e renovação. Dentro desse contexto, *Rilke Shake* oferece um olhar que combina ironia, crítica e uma profunda apreciação pela tradição literária, mas que ao mesmo tempo propõe uma ruptura com suas formas e expectativas.

A relevância deste estudo está em explorar como a obra de Angélica Freitas, ao dialogar com figuras centrais da tradição poética, como Rilke, não apenas homenageia essa herança, mas também a transforma. Em um cenário literário onde a tradição é constantemente revisitada, compreender como Freitas utiliza essas referências é essencial para entender sua poética e a forma como ela ressignifica o cânone. Diante desse contexto, pergunta-se: até que ponto a obra de Freitas subverte a tradição literária ao dialogar com ela?



O presente estudo tem como objetivo principal analisar o diálogo estabelecido entre Angélica Freitas e a tradição poética, com foco na sua relação intertextual com Rainer Maria Rilke em *Rilke Shake*. Além disso, busca-se investigar como a autora utiliza esse diálogo para subverter as convenções poéticas tradicionais, ao mesmo tempo que faz uso dessas mesmas convenções em sua obra. Através dessa análise, pretende-se compreender a importância de Freitas na renovação da poesia contemporânea brasileira.

A metodologia adotada para este estudo é de caráter bibliográfico, baseando-se em uma análise crítica da obra de Angélica Freitas, bem como em textos teóricos e críticos que abordam a intertextualidade e a desconstrução na poesia contemporânea. As fontes primárias incluem o próprio texto de Freitas, enquanto as fontes secundárias envolvem uma série de análises acadêmicas que discutem as relações entre tradição e subversão na literatura. O objetivo é traçar um panorama das influências e rupturas presentes na obra da autora, contextualizando-as dentro do movimento literário contemporâneo.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A Relação de Angélica Freitas com a Poesia de Rainer Maria Rilke

Angélica Freitas, em sua obra, explora uma série de diálogos intertextuais com a tradição poética, em especial com Rainer Maria Rilke, reconhecido por sua poesia profunda, introspectiva e filosófica. Freitas utiliza-se dessa herança para criar um contraponto ao mesmo tempo lúdico e crítico. Isso se manifesta em várias camadas, desde a escolha de temas, como a busca pela identidade e a angústia existencial, até as próprias formas e estruturas dos poemas. O diálogo com Rilke pode ser interpretado tanto como uma homenagem quanto como uma crítica à solene tradição poética que ele representa, posicionando Freitas como uma autora que se apropria dessas bases para questionar e expandir os limites da lírica contemporânea (Freitas, 2007).

Rilke, nas suas correspondências, aborda questões relacionadas à angústia existencial e à espiritualidade, que permeiam grande parte de sua obra. Freitas, ao revisitar essas temáticas,



adota um tom mais irônico e descontraído, desconstruindo a profundidade reflexiva de Rilke e trazendo essas questões para um contexto mais cotidiano e acessível. Isso não significa, porém, que ela desvaloriza ou simplifica o legado do poeta austríaco; ao contrário, ela o complexifica ao inserir suas próprias questões contemporâneas, especialmente ligadas ao feminismo, à identidade de gênero e à crítica social (Pereira, 2014).

A abordagem de Freitas também se distancia de uma leitura reverencial. Sua obra incorpora referências a Rilke sem se prender à rigidez formal da tradição. Em muitos aspectos, essa relação pode ser vista como um jogo literário, onde a tradição é tanto ponto de partida quanto alvo de desconstrução. Paulo Azevedo (2015) aponta que esse diálogo entre Freitas e Rilke transcende a mera intertextualidade, criando uma nova camada de significados onde o sagrado e o profano se encontram, e onde a alta poesia de Rilke é diluída e reconfigurada em uma linguagem mais próxima do cotidiano.

Bruno Teixeira (2017, p. 48) afirma que

"A seriedade lírica de Rilke é como um espelho distorcido, subvertendo suas convenções formais e temáticas com ironia e crítica, evidenciando a maleabilidade da tradição poética diante das novas demandas sociais."

Teixeira revela a habilidade de Angélica Freitas em manipular elementos da tradição literária, em especial a poética de Rilke, para adaptá-los ao seu próprio contexto contemporâneo. Ao utilizar a seriedade característica da poesia de Rilke como uma espécie de espelho distorcido, Freitas cria um jogo intertextual que não apenas reverencia o poeta clássico, mas também questiona as normas estabelecidas por ele. Essa desconstrução evidencia que a tradição não é algo estático e intocável, mas sim um corpo vivo, capaz de ser reconfigurado conforme as transformações sociais e culturais. A partir dessa subversão, Freitas consegue trazer novas perspectivas à poesia, dialogando de forma crítica com o passado e, ao mesmo tempo, tornando sua obra acessível ao público atual. Ao fazer isso, a poeta não apenas recontextualiza a seriedade lírica de Rilke, mas também abre espaço para que sua própria voz contemporânea ressoe no cenário literário.



Essa transformação também se reflete na maneira como Freitas trata de temas universais, como a morte, o amor e o medo do desconhecido, que são centrais na obra de Rilke. No entanto, ao invés de abordar esses temas de forma solene, Freitas os insere em contextos mais triviais, quase banais, reforçando a ideia de que essas questões estão presentes em todas as esferas da vida, e não apenas na reflexão filosófica profunda. Gomes (2020) argumenta que essa aproximação entre o sublime e o cotidiano é uma das principais contribuições de Freitas para a poesia contemporânea, pois ela torna acessíveis temas que tradicionalmente seriam tratados com uma reverência distante.

Esse processo de trazer a poesia para o cotidiano pode ser entendido como uma resposta às demandas do leitor contemporâneo, que muitas vezes se encontra distante das tradições literárias. Ao utilizar uma linguagem mais próxima da realidade diária, Freitas cria uma ponte entre o leitor e a tradição poética. Silva (2018) afirma que essa abordagem é crucial para compreender o papel da poesia no mundo moderno, onde a velocidade das mudanças sociais e tecnológicas muitas vezes distancia o público da literatura tradicional. Freitas, ao reutilizar as formas de Rilke, cria uma espécie de “tradução poética” para o presente, mantendo a essência dos temas, mas adaptando-os à linguagem e às preocupações de hoje.

A intertextualidade presente na obra de Freitas também revela um compromisso com a tradição literária, mas sempre com o intuito de questioná-la e adaptá-la às novas realidades. Luciana Camargo (2016) destaca que essa intertextualidade não se dá apenas com Rilke, mas com vários outros poetas e formas literárias, o que torna a obra de Freitas uma espécie de mosaico de referências que, ao se entrelaçarem, criam um discurso próprio, marcado pela ironia e pela crítica social.

A desconstrução da forma poética em Freitas pode ser entendida como uma manifestação de sua crítica à tradição e à própria linguagem. Ao dialogar com Rilke, ela não apenas faz referência à sua obra, mas a desconstrói e a adapta, criando novos significados e questionando as bases sobre as quais a poesia tradicional foi construída. Essa desconstrução, porém, não é feita de forma leviana; há um profundo respeito pela tradição, mas também uma



consciência de que a poesia precisa estar em constante diálogo com o seu tempo e com os seus leitores (Camargo, 2016).

## 2.2 As Estruturas e Temáticas Pós-modernas

O conceito de pós-modernismo na literatura, amplamente discutido por autores como Hutcheon (1991), envolve a quebra das barreiras entre alta e baixa cultura, a ironia e a autorreflexão. Freitas insere-se perfeitamente nesse contexto, com uma linguagem que desafia as expectativas formais da poesia e explora temas como a identidade, o corpo feminino e a política de gênero. A ironia é uma marca registrada da poeta, que frequentemente subverte significados e traz uma carga crítica ao seu trabalho, especialmente ao lidar com temas que tocam em questões sociais relevantes, como o feminismo e a desigualdade. A autora não busca simplesmente desconstruir, mas também fornecer novas leituras e interpretações para temas tradicionais, oferecendo ao leitor uma experiência literária que vai além do convencional.

Essa atitude de desconstrução está fortemente alinhada com o que Süssekind (2015) considera como um retrato da poética contemporânea. Ao discutir a poética de Freitas, percebe-se uma profunda crítica às estruturas estabelecidas pela modernidade, seja nas convenções literárias, seja nas normas sociais. Freitas utiliza-se do humor e da paródia como ferramentas para revelar as contradições do mundo moderno, uma característica essencial do pós-modernismo. A poeta quebra expectativas ao tratar de temas considerados sérios, como o feminismo e a opressão de gênero, de uma forma irônica e descontraída, algo que ressoa com a teoria da pós-modernidade como descrita por Hutcheon (1991).

O uso da intertextualidade, outra característica marcante do pós-modernismo, aparece na obra de Freitas como uma maneira de dialogar com a tradição e, ao mesmo tempo, transformá-la. Freitas constrói uma rede de referências que conecta sua obra a uma vasta gama de textos, de autores clássicos a contemporâneos, criando uma espécie de colagem



literária. Essa técnica reflete o que Bauman (2001) descreve como a “liquidez” da modernidade, onde as fronteiras entre as tradições e os novos paradigmas se tornam fluídas, permitindo uma constante recombinação de significados e valores. Ao abordar questões como o corpo feminino e as relações de poder, Freitas faz uso de um diálogo contínuo com as vozes da tradição literária, mas o faz de maneira a subverter as expectativas impostas por essas mesmas vozes.

Hollanda (2002) argumenta que a literatura pós-moderna está constantemente questionando suas próprias bases, utilizando-se de formas experimentais que desafiam o leitor a reavaliar seu entendimento da narrativa e do significado. Em Angélica Freitas, esse questionamento aparece não apenas em suas escolhas temáticas, mas também na forma como estrutura seus poemas. A fragmentação é uma constante em sua obra, refletindo a fragmentação da própria sociedade contemporânea. Ao lidar com temas como a violência de gênero, a marginalização social e as questões existenciais, Freitas utiliza-se de uma estrutura que parece desarticulada à primeira vista, mas que, ao ser lida em seu contexto mais amplo, revela uma coesão interna pautada justamente pela crítica ao que se convencionou como "coeso" ou "linear".

Sheila Souza (2016) destaca que a poesia pós-moderna de Freitas faz um uso extensivo da intertextualidade e do experimentalismo, elementos essenciais para o entendimento de sua produção literária. A intertextualidade permite que Freitas dialogue com a tradição, ao mesmo tempo em que a desafia. Seus poemas frequentemente fazem referência a obras clássicas, mas essas referências são distorcidas e reconfiguradas para se ajustarem às novas realidades que a autora deseja explorar. Isso não é feito de forma arbitrária; cada escolha de intertexto serve a um propósito maior de crítica social ou de desconstrução das normas literárias e culturais estabelecidas.

Evando Prado (2014, p. 102) afirma que

"Angélica Freitas utiliza a linguagem como um instrumento de desconstrução, desafiando as normativas tradicionais de gênero e identidade, criando um espaço poético onde as



categorias fixas são continuamente questionadas e ressignificadas."

Prado destaca a importância da linguagem na poética de Angélica Freitas como uma ferramenta central para a desconstrução de normas sociais, em particular as relacionadas ao gênero e à identidade. Em sua obra, Freitas desafia as fronteiras impostas pelas categorias rígidas da sociedade, permitindo que o corpo, a sexualidade e a identidade sejam compreendidos de maneira fluida e dinâmica. Esse processo de desconstrução, alinhado às discussões pós-modernas, permite uma reflexão crítica sobre as imposições sociais que definem o "ser". Ao se recusar a aceitar definições imutáveis, Freitas cria um espaço onde múltiplas formas de existência podem coexistir, rompendo com as expectativas tradicionais. Esse espaço de liberdade não é apenas um ato poético, mas também um gesto político, pois desafia o leitor a reconsiderar os parâmetros que governam as identidades no mundo contemporâneo. Assim, a linguagem em sua poesia se torna um verdadeiro campo de batalha, onde as categorias de gênero e identidade podem ser constantemente reconstruídas e ressignificadas, promovendo uma visão mais inclusiva e diversificada da experiência humana.

Esse movimento de desconstrução é essencial para entender a relação da poeta com o pós-modernismo. Freitas não apenas critica as normas, mas também as subverte por meio da forma e do conteúdo. A utilização de temas como a maternidade, o corpo e a sexualidade é feita com um toque irônico, que desafia as convenções, mas que, ao mesmo tempo, cria novas camadas de significado. Freitas utiliza-se do jogo de palavras, da ironia e do humor como ferramentas para questionar as expectativas sobre o que a poesia deve ser e sobre como o corpo feminino é representado na literatura.

## 2.3 Feminismo e a Desconstrução de Gênero



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

A desconstrução de gênero, conforme descrito por Butler (2003), está baseada na ideia de que as identidades não são fixas ou estáveis, mas sim performativas. Isso significa que gênero não é algo que se "é", mas algo que se "faz" repetidamente, através de performances cotidianas que reiteram normas e expectativas sociais. Freitas, ao trabalhar com essa fluidez, desafia as categorias binárias de masculino e feminino, utilizando sua poesia para explorar as fronteiras nebulosas entre essas definições. Em *Rilke Shake*, por exemplo, a poeta joga com essas performances, criando personagens e situações que subvertem as expectativas de gênero, revelando o quanto essas categorias são construções sociais e não realidades inatas.

Essa abordagem crítica da identidade de gênero também ressoa com as ideias de Simone de Beauvoir (2009), que afirmou que "não se nasce mulher, torna-se mulher". Em outras palavras, o gênero é algo construído pela sociedade e não um dado biológico. Freitas, em sua poesia, leva essa ideia adiante ao desconstruir não apenas a feminilidade, mas também as expectativas associadas à masculinidade. Sua obra provoca uma reflexão sobre como essas construções afetam não só a maneira como as pessoas são vistas pela sociedade, mas também como elas se veem a si mesmas. A fluidez na representação de gênero que Freitas apresenta desafia as noções tradicionais de identidade fixa e homogênea, permitindo a expressão de uma multiplicidade de subjetividades.

Freitas também utiliza o humor como uma ferramenta essencial em sua desconstrução de gênero. A ironia, presente em grande parte de sua obra, é uma maneira de revelar as contradições nas representações tradicionais de gênero. Segundo Gregolin (2021), a poeta usa essa técnica para destacar o absurdo das expectativas impostas às mulheres e, ao mesmo tempo, oferece uma crítica perspicaz às normas culturais. O humor, portanto, não serve apenas para entreter, mas para desestabilizar as estruturas patriarcais, expondo-as ao ridículo. Isso permite que Freitas crie uma poesia que é simultaneamente leve e profundamente crítica, dialogando com o feminismo contemporâneo de forma inovadora.

A relação entre feminismo e desconstrução de gênero também pode ser observada na maneira como Freitas lida com o corpo feminino. Em seus poemas, o corpo é frequentemente retratado como um espaço de conflito, de construção e desconstrução. Ela rejeita a



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

representação tradicional do corpo feminino como objeto de desejo ou como algo que deve ser controlado, preferindo, em vez disso, mostrar o corpo em sua multiplicidade e complexidade. Como Silva (2018) aponta, Freitas subverte a ideia de que o corpo feminino deve ser sempre belo, jovem ou disciplinado, permitindo uma visão mais ampla e menos normativa da corporalidade. Ao fazer isso, ela rompe com as expectativas que limitam as mulheres a um ideal inatingível de feminilidade.

Essa subversão do corpo está intrinsecamente ligada à questão do poder. O controle sobre o corpo feminino tem sido historicamente uma forma de controle sobre as mulheres, e a desconstrução desse controle é uma das principais preocupações do feminismo. Freitas, ao desafiar essas normas, não apenas questiona o status quo, mas também oferece novas possibilidades de existência para aqueles que se encontram fora das normas de gênero e beleza. Isso ecoa as ideias de Butler (2003), que argumenta que a subversão das normas de gênero permite a emergência de novas formas de subjetividade, onde a identidade pode ser mais fluida e menos restrita pelas convenções sociais.

Além disso, Freitas dialoga com o feminismo decolonial, uma vertente do feminismo que busca questionar as formas de opressão impostas não apenas pelo patriarcado, mas também pelo colonialismo. Hollanda (2018) sugere que esse pensamento decolonial é fundamental para entender as novas perspectivas feministas, que buscam incluir as vozes de mulheres marginalizadas e que não se enquadram nas narrativas tradicionais de gênero. Ao utilizar referências de diferentes culturas e contextos, Freitas expande a discussão sobre gênero e feminismo, trazendo para o centro do debate aquelas que historicamente foram excluídas.

Outro aspecto importante na obra de Freitas é a crítica ao binarismo de gênero, que está profundamente enraizado na sociedade ocidental. A ideia de que existem apenas dois gêneros, masculino e feminino, é desafiada em sua poesia, onde personagens e situações se movem entre esses polos, sem se fixarem em nenhum deles. A crítica ao binarismo está alinhada com a teoria queer, que questiona a imposição dessas categorias fixas e oferece uma visão mais fluida e inclusiva da identidade. Como Dias (2009) observa, essa desconstrução



das identidades binárias é uma maneira de abrir espaço para a multiplicidade de experiências de gênero, que vão além das normas rígidas da masculinidade e feminilidade.

A desconstrução de gênero na obra de Freitas também se manifesta na maneira como ela aborda a linguagem. A escolha das palavras, a estrutura dos versos e o uso da intertextualidade refletem seu compromisso com a ideia de que a linguagem é uma ferramenta poderosa de construção de identidades. Ao manipular a linguagem, Freitas revela como as palavras podem tanto reforçar quanto desafiar as normas sociais. A linguagem é, portanto, um campo de batalha onde as identidades são criadas, desconstruídas e reconstruídas, e onde novas formas de existência podem emergir.

Freitas, ao utilizar a linguagem de maneira subversiva, também dialoga com a tradição poética, questionando os cânones estabelecidos. Ela se apropria de formas poéticas tradicionais, mas as subverte, criando uma nova poética que desafia as expectativas do leitor. Isso está de acordo com a análise de Silva (2018), que aponta que a poesia de Freitas, ao quebrar com a forma e o conteúdo tradicionais, oferece uma nova maneira de entender a relação entre poesia e gênero. O uso da intertextualidade, por exemplo, é uma forma de desafiar as hierarquias literárias e criar um espaço onde vozes marginalizadas podem ser ouvidas.

A intertextualidade na obra de Freitas também é uma ferramenta que permite a inclusão de diversas perspectivas sobre gênero e feminismo. Ao fazer referência a outras autoras e autores, ela cria um diálogo que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço, conectando sua poesia a um movimento maior de desconstrução de gênero. Isso reflete a ideia de que o feminismo não é um movimento homogêneo, mas sim uma constelação de vozes e perspectivas que se entrecruzam e se complementam. Ao incorporar essas vozes em sua poesia, Freitas amplia o alcance de sua crítica, mostrando que as questões de gênero não podem ser entendidas isoladamente, mas devem ser vistas no contexto mais amplo das opressões sociais e políticas.

A obra de Freitas, portanto, oferece uma rica contribuição para o debate sobre feminismo e desconstrução de gênero. Sua poesia desafia as normas tradicionais e cria novas



formas de pensar sobre identidade, corpo e poder. Ao utilizar a linguagem de maneira subversiva e ao incorporar diversas vozes e perspectivas, ela abre espaço para a multiplicidade de subjetividades e para a emergência de novas formas de existência. Freitas nos lembra de que o feminismo e a desconstrução de gênero não são apenas teorias abstratas, mas práticas vivas que podem transformar nossas maneiras de pensar e de viver no mundo.

Além disso, Freitas constrói uma poética que não apenas questiona as normas de gênero, mas também as normas literárias. Ela se recusa a seguir os padrões estabelecidos de forma e conteúdo, criando uma poesia que é ao mesmo tempo radical e acessível. Ao desconstruir as formas tradicionais de poesia, ela cria um espaço onde novas vozes e novas formas de expressão podem emergir, desafiando as hierarquias literárias e sociais.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho aponta para a complexidade e riqueza do diálogo que Angélica Freitas estabelece com a tradição poética, especialmente em sua obra *Rilke Shake*. Ao revisitar figuras como Rainer Maria Rilke, a poeta não se limita a uma simples homenagem, mas utiliza essas referências como ponto de partida para a criação de uma nova poética, que questiona e subverte as convenções literárias clássicas. Através da intertextualidade, da ironia e do humor, Freitas desconstrói temas tradicionais, como a angústia existencial e a busca por significado, transformando-os em reflexões contemporâneas sobre identidade, gênero e o próprio papel da poesia na sociedade atual.

Esse processo de desconstrução e ressignificação revela a habilidade de Freitas em manipular a tradição de maneira crítica, demonstrando que a poesia, embora carregada de história, está em constante transformação. Sua obra desafia o leitor a reavaliar conceitos arraigados sobre o que é a poesia, quem tem o direito de escrevê-la e quais temas são considerados dignos de serem abordados. Assim, Freitas contribui significativamente para o cenário literário contemporâneo, tanto no Brasil quanto no exterior, mostrando que o diálogo



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

com o passado é uma forma de renovação e que a tradição pode ser um terreno fértil para a criação de novas linguagens e perspectivas.

Em suma, a análise permite reconhecer a importância de Angélica Freitas como uma voz inovadora na poesia contemporânea. Sua capacidade de dialogar com a tradição, ao mesmo tempo que a transforma, evidencia a relevância de sua obra para a literatura atual. O estudo de sua poética demonstra que o passado literário não precisa ser uma prisão, mas pode ser reinterpretado e utilizado como instrumento de crítica e inovação, promovendo uma compreensão mais ampla e dinâmica do que é a poesia e de como ela pode refletir as questões do mundo contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Paulo. O diálogo entre Angélica Freitas e Rainer Maria Rilke. *Revista Letras*, v. 23, n. 1, 2015, p. 56-71.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Luciana. Intertextualidade e tradição em *Rilke Shake* de Angélica Freitas. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 34, n. 2, 2016, p. 103-118.

DE LUNETTA, Avaetê; GUERRA, Rodrigues. METODOLOGIAS E CLASSIFICAÇÃO DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS. RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218, v. 5, n. 8, p. e585584-e585584, 2024.

DIAS, Maria José. A desconstrução da identidade feminina em *Rilke Shake*. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 1, 2009, p. 123-136.

FREITAS, Angélica. *Rilke Shake*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

GOMES, Ana Maria. Rilke e a renovação lírica: o impacto na poesia contemporânea. *Estudos de Literatura*, v. 14, n. 3, 2020, p. 121-135.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Feminismo e poesia na obra de Angélica Freitas. *Revista Gênero e Literatura*, v. 11, n. 2, 2021, p. 42-58.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Literatura e pós-modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

PEREIRA, Rodrigo Garcia Lopes. *Rainer Maria Rilke: Correspondências*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

PRADO, Evando Nascimento. Pós-modernismo na poesia de Angélica Freitas: rupturas e continuidades. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 12, n. 1, 2014, p. 95-108.

SILVA, Cláudia. Subversão e gênero na poesia de Angélica Freitas. *Revista Letras e Ideias*, v. 15, n. 1, 2018, p. 88-102.

SILVA, Juliana. *Rilke na poesia brasileira contemporânea: um estudo comparativo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.

SOUZA, Sheila. Poesia pós-moderna: intertextualidade e experimentalismo em Angélica Freitas. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 8, n. 1, 2016, p. 79-92.

SÜSSEKIND, Flora. *Ligações perigosas: retrato da poética contemporânea*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

TEIXEIRA, Bruno. A poética de Angélica Freitas e suas interlocuções com Rilke. *Cadernos de Literatura Brasileira*, v. 19, n. 2, 2017, p. 45-59.

*Recebido em: 28/08/2024*

*Aprovado em: 11/09/2024*

*Publicado em: 13/10/2024*